

ORGANIZADORES
LEONARDO HALLEY CARVALHO PIMENTEL
IZABEL HERIKA GOMES MATIAS CRONEMBERGER



REABILITAÇÃO

TEORIA E PRÁTICA



ASSOCIAÇÃO
REABILITAR

PRESIDENTE BENJAMIM PESSOA VALE

Expediente

Direção editorial: Ana Kelma Gallas
Supervisão técnica: Edson Rodrigues Cavalcante
Diagramação: Kleber Albuquerque Filho
TI Publicações OMP Books: Eliezyo Silva



FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

P644r
PIMENTEL, Leonardo Halley Carvalho;
CRONEMBERGER, Izabel Herika Gomes Matias.
Reabilitação: Teoria e Prática [livro eletrônico]
/ Leonardo Halley Carvalho Pimentel e Izabel Herika
Gomes Matias Cronemberger (Orgs.). São Paulo:
Lestu Publishing Company, 2022.
701 f. *online*
ISBN: 978-65-996314-4-3
DOI: 10.51205/lestu.978-65-996314-4-3
1. Reabilitação. 2. Saúde. 3. Trabalhos de
Reabilitação. 4. Habilitação. 5. I. Autor(a). II.
Título. III. Editora. IV. DeCS.
CDD - 343.6

Índices para catálogo sistemático:

- DeCS (Descritores na Área de Saúde) em Catálogos Sistemáticos = Reabilitação. Habilitação. Recuperação das funções humanas. Avaliação das deficiências humanas. Recuperação de função fisiológica.

"Os conteúdos dos artigos publicados são de total responsabilidade dos autores e autoras."

Todos os livros publicados pela Editora Lestu Publishing Company estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



A Lestu Publishing Company é uma editora que acredita na Ciência Aberta. Permitimos a leitura, download e/ou compartilhamento do conteúdo desta obra para qualquer meio ou formato, desde que os textos e seus autores sejam adequadamente referenciados.

LESTU PUBLISHING COMPANY
Editora, Gráfica e Consultoria Ltda
Avenida Paulista, 2300, andar Pilotis
Bela Vista, São Paulo, 01310-300,
Brasil.
editora@lestu.org
www.lestu.com.br
(11) 97415.4679

Imagens da obra:
Canva (Creative Commons)

ORGANIZADORES

LEONARDO HALLEY CARVALHO PIMENTEL
IZABEL HERIKA GOMES MATIAS CRONEMBERGER

REABILITAÇÃO

TEORIA E PRÁTICA



41

A psicologia na reabilitação / habilitação auditiva no centro integrado de reabilitação

Darleny do Nascimento Vilanova
Marta Maria de Brito Soares
Ravena Rhara de Paiva Abreu
Alice Dolores Magalhães Carneiro

A audição é importante para o contato do ser humano com o ambiente, tanto para seu desenvolvimento pessoal quanto para as relações sociais e qualidade de vida. Portanto, a saúde auditiva também é, invariavelmente, pensada no âmbito psicológico, uma vez que a perda auditiva afeta o emocional e o bem-estar das pessoas. No atendimento de quem sofre de perda auditiva, o psicólogo contribui para o processo de aceitação do uso do aparelho auditivo, favorecendo a adesão à reabilitação / habilitação, autoestima, estimulação cognitiva, inserção social e ao melhor desempenho na aprendizagem e no trabalho, isto é, no cotidiano.

Em Teresina – Piauí, o trabalho desenvolvido pelo Centro Integrado de Reabilitação (CEIR) atende pessoas de todo o Estado mediante engajamento de equipe multidisciplinar composta por otorrinolaringologista, fonoaudiólogo, psicólogo e assistente social no atendimento junto ao Programa de Saúde Auditiva para seleção dos que precisam de Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI) e o recebem

via Sistema Único de Saúde (SUS). Ou seja, os indivíduos são avaliados para serem submetidos, caso seja necessário, à reabilitação / habilitação graças ao uso do AASI, prática adotada no âmbito do CEIR.

As famílias constituem parte integrante do processo como um todo, já que fazem parte do dia a dia desses indivíduos e, por conseguinte, estão envolvidos emocionalmente, o que demanda ações fundamentais que lhes proporcionem informações e garanta sua implicação, de modo a lhes proporcionar suporte e melhor evolução dos pacientes. Diante do exposto até então, o capítulo objetiva analisar a atuação do CEIR, ênfase para a atuação do profissional psicólogo no que concerne aos cuidados na reabilitação / habilitação dos pacientes, como especialista na citada equipe multidisciplinar com atribuições devidamente planejadas.

Atendimento do psicólogo no Programa de Saúde Auditiva

O CEIR integra o Programa de Promoção e Prevenção da Saúde Auditiva do Governo Federal, devidamente habilitado pelo Ministério da Saúde como Centro Especializado em Reabilitação (CER), mediante a instalação do Programa de Saúde Auditiva, vinculado ao SUS, com o objetivo de cuidar da saúde auditiva de pessoas que sofrem com déficit leve, moderado, severo e profundo de audição. Acresce-se que o CEIR foi inaugurado no dia 5 de maio de 2008 para atendimentos de média e alta complexidade voltados para indivíduos com deficiência no Piauí, em quaisquer faixas etárias, bem antes da implantação do Programa de Saúde Auditiva no ano de 2015.

Os pacientes, quando se submetem ao processo de seleção para o aparelho auditivo e os que precisam do uso do AASI, após atendimento (triagem) da equipe multidisciplinar, são acompanhados sistematicamente para reavaliações e ajustes dos dispositivos, além de avaliados a fim de possível encaminhamento à reabilitação / habilitação.

O Programa de Saúde Auditiva contempla avaliações psicológicas desses indivíduos, com escuta, acolhimento, entrevista psicológica e observação do comportamento, com o objetivo macro de identificar junto a eles e/ou familiares como está se dando a vivência da perda auditiva e se há registro de alterações, como a presença de zumbidos, e quais as principais dificuldades enfrentadas nos contextos familiar, escolar, laboral e social como um todo. Também visa detectar expectativas e crenças relacionadas à perda auditiva e ao uso do AASI e a respeito de seu diagnóstico e prognóstico, com a identificação (ou não) de possíveis alterações cognitivas, emocionais ou comportamentais, bem como quadros psicopatológicos específicos

relacionados à perda auditiva ou à presença dos zumbidos, com o fim de efetivar abordagens específicas e os devidos encaminhamentos (Figura 1).

Figura 1: Atendimento na saúde auditiva



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

Durante o atendimento psicológico são adotadas técnicas como: escuta, intervenções para regulação emocional e psicoeducação do paciente e família para conscientização acerca do uso do AASI com o fim de atingir adesão mais efetiva do Programa de Saúde Auditiva e habilitação / reabilitação. Como mencionado, os pacientes são atendidos em várias etapas desde a avaliação e a depender da necessidade, novas reavaliações, quando há demandas identificadas pelo psicólogo ou outro profissional da equipe, podendo ocorrer discussão do caso em equipe.

A inserção do psicólogo na saúde auditiva desbrava um cenário de possibilidades com vistas a analisar a subjetividade do indivíduo como sujeito operante no contexto de uma equipe multidisciplinar em saúde, o que, no mínimo, atesta a relevância da intervenção desse profissional na esfera ampla, até porque a surdez é vivenciada de maneira única e singular. O impacto que a deficiência auditiva ocasiona no sujeito é macro e traz mudanças à sua vida em diversas situações emocionais, indo desde

a escolarização até a socialização em diferentes circunstâncias, tais como ambiente familiar, Igreja, lazer e mercado de trabalho.

Como Sobreira (2015) reforça, a principal conexão do ser humano com seu meio é a audição. Afinal, para que ocorra comunicação efetiva entre duas ou mais pessoas, é essencial primeiro ouvir e compreender para, então, elaborar uma resposta e manifestá-la via linguagem. A aquisição da linguagem, portanto, depende da integridade do sistema auditivo e quando este está prejudicado por perda auditiva, é importante a intervenção terapêutica para que o cidadão possa ter a chance de desenvolver a fala, e, assim sendo, atingir nível razoável de aprendizagem e ampliação de novos conhecimentos.

Logo, é inegável que a privação de audição ocasiona consequências emocionais e sociais que podem repercutir de forma negativa na qualidade de vida. Para Fonsêca e Dutra e Ferreira (2020), o AASI mantém a função de ampliar os sons para a pessoa utilizar sua audição remanescente, de modo a colaborar com sua qualidade de vida. Caso contrário, a perda auditiva acarreta isolamento em qualquer faixa etária de vida e limita a realização das atividades diárias, haja vista que traz consigo dificuldades na compreensão da fala, sobretudo, nos idosos, com consequências psicossociais e prejuízos que alcançam sua capacidade de se proteger em situações de riscos de vida (PICININI *et al.*, 2017). Trata-se de mais uma evidência que comprova a importância do Programa de Saúde Auditiva e dos bons resultados da reabilitação / habilitação, quando o indivíduo usa corretamente e sistematicamente o AASI, o que torna indispensável o envolvimento do profissional psicólogo ao longo do processo como um todo.

Saúde auditiva e reabilitação / habilitação auditiva: atuação do psicólogo

Como antevisto no decorrer do capítulo, ao se dissertar sobre o atendimento do psicólogo no Programa de Saúde Auditiva, é evidente que a saúde auditiva está impreterivelmente contemplada na esfera mental e psicológica dos seres humanos. Reitera-se que o profissional psicólogo consiste como peça fundamental para os que sofrem de perda auditiva no sentido de lhes ajudar a superar os eventuais impactos, com destaque para a autoestima e a inserção social em qualquer segmento.

Quer dizer, o processo de reabilitação / habilitação assume papel importante e fundamental no que diz respeito à minimização de eventuais sequelas dos pacientes auditivos, lhes favorecendo funcionalidade ideal na

interação com seu ambiente e provendo as ferramentas necessárias para alcançar sua independência e autodeterminação. A este respeito, Ramos e Casalis (2007) reforçam o trabalho da equipe multidisciplinar. Em conjunto e em respeito às especificidades de cada área, além de avaliar cada paciente, vão bem adiante: estimulam e auxiliam a descoberta do potencial remanescente, facilitando a inclusão social e superando as inevitáveis limitações impostas pela deficiência.

A detecção e, sobretudo, a intervenção precoce da deficiência auditiva consiste em fator importante no incremento das habilidades auditivas e de comunicação oral. É evidente que quanto mais cedo acontecem as intervenções, mais oportunidade para alcançar o desenvolvimento auditivo e de linguagem, fundamentais para a inclusão social e o desempenho comunicativo das crianças. Ao tempo em que a surdez impacta negativamente o aprendizado da fala, mediante a reabilitação auditiva, é possível restabelecer o limiar auditivo para que as pessoas tenham acesso aos sons, possibilitando a consecução do fenômeno da comunicação. Esse processo propicia a adaptação a aparelhos auditivos ou a implantes cocleares, estimulando as destrezas importantes para o sujeito aprender e reaprender que escutar traz em si valor semântico, subjacente e importante (BICAS *et al.*, 2017).

Segundo parâmetros e orientações do Guia de Orientações na Avaliação Audiológica Básica (2020), é importante identificar em que momento de vida, ocorreu a perda auditiva; quando a pessoa iniciou os cuidados; qual o grau e o tipo de perda auditiva, com o intuito de definir a conduta para os cuidados e acompanhamento contínuo. Os tipos de perda auditiva são condutiva, sensorio-neural e mista. Quanto aos graus de perda auditiva, para Lloyd e Kaplan (1978) podem ser assim categorizadas: audição normal; perda auditiva de grau leve; moderado, moderadamente severo; severo; e profundo.

O treinamento auditivo associado ao uso do aparelho auditivo promove diagnóstico efetivo, desenvolve a neuroplasticidade com o intuito de gerar mudanças na morfologia e no desempenho auditivo após a estimulação da audição. Com tal método e estratégia, o paciente pode ressignificar cada som que escuta e, então, as atividades para aprimorar a percepção auditiva refletem-se em mudanças estruturais e funcionais, facilitando o ensino-aprendizagem, como Sales e Resende e Amaral (2019) chamam atenção.

O sofrimento e a capacidade de superação do paciente com a perda auditiva dependem de uma série de fatores, ênfase para as características e a estrutura de personalidade, o contexto social, histórico e cultural no

qual está inserido. Daí a necessidade de conhecer as idiossincrasias de cada sujeito. É o momento de atuação do psicólogo para identificar como a perda auditiva está repercutindo nos aspectos cognitivo, afetivo, social e educacional, não importa as faixas etárias das crianças, dos adolescentes, dos adultos e dos idosos, até porque se trata de algo que, sem dúvidas, vai afetar não somente o indivíduo isoladamente, mas os grupos sociais no qual ele interage (BALEN *et al.*, 2010).

Como decorrência, desde o primeiro contato com o paciente e a família, é fundamental que o psicólogo favoreça um espaço acolhedor para facilitar a interação e a avaliação do paciente, traçando o perfil de sua história de vida e a dinâmica familiar. Saber como ele lida com a perda auditiva e com o uso permanente do AASI vão contribuir bastante para o acompanhamento do deficiente auditivo e para o avanço do planejamento das intervenções durante a reabilitação / habilitação.

Em outras palavras, a entrevista psicológica é basilar no trabalho do psicólogo porque através dela são coletados dados e informações para a formulação do diagnóstico clínico, além de permitir conhecer a dinâmica emocional do paciente (CUNHA, 2007). Isto é, o entrevistador é participante e usa a observação como técnica para coleta e organização das informações de que necessita para avaliação das funções psíquicas do paciente. Deve manter contato visual com o paciente com perda auditiva e deixar que o mesmo tenha oportunidade de visualizar sua boca e suas expressões faciais, usando também gestos e escritos, sempre que necessário. No decorrer de todo o processo de interação, recomenda-se usar o tom de voz normal e de forma bem articulada, destacando palavra por palavra, sem excessos e exageros, segundo Balen *et al.* (2010) alertam.

Os profissionais do campo da psicologia na reabilitação / habilitação auditiva auxiliam a minimizar prejuízos associados à perda auditiva nas habilidades de compreensão, abstração, formação de conceitos simbólicos, aquisição, expressão, evocação, concentração, atenção, memória, linguagem, humor e socialização. Aliás, se tais elementos não são trabalhados podem trazer prejuízos nas habilidades apontadas, como Schlindwein-Zanini (2015) alerta.

E, por fim, no caso específico do CEIR, realizam-se os seguintes procedimentos: orientação familiar; curso para pais e adultos; formação de grupos. Como adendo, para enfatizar quando possível nos contatos com os profissionais de todas as demais áreas são realizadas orientações e também são realizados atendimentos agendados com psicólogos com cada familiar e/ou cuidador do paciente.

Orientação familiar

A orientação familiar se dá face às demandas de um paciente ou da necessidade familiar, em atendimentos com cada família (geralmente um comparece). É o momento em que o profissional psicólogo instrui familiares e/ou cuidadores sobre como lidar com as questões emergentes e como estimular o paciente na esfera familiar. Dizendo de outra forma, a orientação familiar visa esclarecer acerca da deficiência em si, da reabilitação / habilitação; do apoio essencial frente às dificuldades para que desenvolvam habilidades no suporte aos pacientes. Inclui, ainda, orientação sobre aspectos cognitivos, socioemocionais, comportamentais, de aprendizagem e da dinâmica familiar, escolar e social; bem como da importância do uso do aparelho auditivo e da realização de novos encaminhamentos, sempre que preciso for.

Para Balen *et al.* (2010), mais do que nunca, a psicologia assume papel relevante nesse momento, uma vez que auxilia na superação de conflitos sobre eventuais preconceitos, no avanço do autoconhecimento, da autoaceitação e da autoconfiança, lidando da melhor forma com as adversidades do dia a dia e com as relações sociais de diversas naturezas que se impõem aqui e ali. O psicólogo orienta as famílias sobre o suporte necessário às pessoas com perda auditiva e para estimular suas potencialidades mediante valores positivos, como coragem, realismo, apoio e entusiasmo.

Na opinião de Oliveira (2011), aliás, consensual dentre os diferentes teóricos, a família constitui o primeiro núcleo social da pessoa, que impulsiona seu desenvolvimento. Aprende a escutá-la e a estimular sua fala, ou seja, há todo um envolvimento e referencial para a construção da linguagem. Logo, na reabilitação auditiva, o profissional que acompanha, assume a função de acolher a família, orientá-la, aconselhar e reforçar a confiança dos cuidadores, proporcionando-lhes autoconfiança e as informações imprescindíveis e os conhecimentos essenciais para que adotem técnicas que viabilizem, ainda que gradativamente, a comunicação efetiva do filho com o mundo, o que exige sua participação ativa na terapia.

Curso para pais e adultos

Os cursos para pais e adultos destinam-se a familiares e/ou cuidadores de pacientes que estão em reabilitação / habilitação auditiva para lhes esclarecer acerca de aspectos alusivos à perda auditiva do paciente, ao diagnóstico, ao uso e à adaptação do AASI, incluindo, também, informações sobre reabilitação / habilitação e busca de estratégias para

lidar com as demandas e dificuldades tanto desses indivíduos quanto dos pacientes.

Configura-se como procedimento em grupo, cuja finalidade mor é manter um canal de informações atualizadas sobre a patologia e os tratamentos do paciente. Inclui esclarecimentos sobre aspectos clínicos e técnicos. A cada semana um profissional das diferentes especialidades envolvidas na reabilitação / habilitação comparece para uma aula-sessão, sanando as frequentes dúvidas de familiares ou responsáveis com vistas à conscientização consolidada frente à seriedade do tratamento global do paciente e da adesão da família. Segundo Madaleno *et al.* (2007), são ações que objetivam acentuar o desenvolvimento físico, mental e emocional dos indivíduos com problemas de audição, sempre com vistas à sua inserção social. Como antevisto, é em meio à família, que o ser humano forja sua personalidade, aprende e consolida sua visão de mundo, e, portanto, a forma com que seu contexto familiar lida com a perda auditiva o influencia de forma expressiva.

Grupos

Os grupos são organizados de acordo com a faixa etária, seu desenvolvimento cognitivo e o nível de perda auditiva, com pacientes que lançam mão do AASI. Antes da pandemia do coronavírus, cada grupo incluía quatro pacientes. Agora, apenas um. São os grupos assim descritos: grupo infantil I (zero a quatro anos); grupo infantil II (quatro anos e um mês a 12 anos e 11 meses), os quais contam com dois psicólogos; grupo de adolescentes (13 a 15 anos; 15 a 17 anos e 11 meses), com acompanhamento de um psicólogo e um fonoaudiólogo; grupo adulto (18 até 59 anos), com um psicólogo e um fonoaudiólogo; grupo de idosos (a partir de 60 anos), contando com a assistência efetiva de um psicólogo e um fonoaudiólogo.

Nos grupos, os objetivos dos profissionais da psicologia priorizam a psicoeducação a respeito do diagnóstico, prognóstico e processo de reabilitação. A meta mor dos grupos é contribuir com a adesão do paciente ao AASI; assegurar suporte psicológico e comportamental na reabilitação / habilitação auditiva; estimular o avanço individual; tentar minimizar dificuldades relacionadas à perda auditiva. Obviamente, isto conduz a outras ações, tais como: intervir em demandas emocionais e comportamentais; promover interação familiar e social com o treino de habilidades; estimular o processo cognitivo; e facilitar a inserção escolar, até porque, como antes citado, após a seleção do AASI, é vital a adaptação do aparelho com início do processo terapêutico, inclusive com terapia de linguagem (MIGUEL; NOVAES, 2013).

Estimular as vias auditivas periféricas e centrais contribui significativamente para o domínio de habilidades auditivas e de comunicação oral. A intervenção fonoaudiológica é fundamental para prevenir nas crianças alterações secundárias relacionadas à perda auditiva. É importante avaliar no avanço das habilidades auditivas e de comunicação oral alguns fatores, a saber: nível de perda auditiva do paciente; estabilidade da perda; adaptação ao aparelho auditivo; e reabilitação auditiva. A adaptação adequada ao AASI possibilita às crianças receberem estímulos auditivos orais para a melhoria de seu poder de comunicação (BICAS *et al.*, 2017).

Prosseguindo com procedimentos em grupo

Considerando a relevância do cuidado da pessoa com perda auditiva, desvenda-se, a seguir, alguns procedimentos envolvendo grupos de faixa etária similar. Isto porque, em se tratando do acompanhamento de crianças tanto do grupo infantil I quanto do grupo infantil II, quando da atividade terapêutica para os deficientes auditivos, muitas vezes, o psicólogo precisa lançar mão de uma série de estratégias e “artifícios”, como gestos, escritos e desenhos.

Figura 2: Atendimento (I) da psicologia no grupo infantil



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

Figura 3: Atendimento (II) da psicologia no grupo infantil



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

São casos em que a comunicação verbal é insuficiente ou deficiente. Quer dizer, com as crianças, adotam-se atividades neuropsicológicas e recursos lúdicos, haja vista que, ao brincar, qualquer criança tente a assimilar com maior rapidez, a imitar, a representar e recriar a realidade. Com isto, estimulam a atenção, a memória e a imaginação, como vê-se adiante (Figuras 2 e 3), que são tão somente exemplos de experiências no atendimento.

Na abordagem com adultos e idosos, pode-se utilizar esses materiais e procedimentos, porém devidamente ajustados à faixa etária e à escolaridade. Os atendimentos em grupo oportunizam o intercâmbio de experiências e vivências, o que auxilia a aproximação social, atuando para fortalecimento do ego e expressão dos sentimentos (BALEN *et al.*, 2010).

No caso dos grupos de quatro a 12 anos, é fundamental a intervenção de psicólogos, que recorrem tanto à entrevista quanto à aplicação da escala Vineland com a família, além da técnica de observação comportamental do paciente e de outras intervenções. Desse modo, são identificadas suas demandas e planejados os respectivos atendimentos. Ao final do processo, crianças e/ou adolescentes são reavaliados para definir

novas condutas pelos terapeutas, sempre com a participação das famílias. O importante é estimular a criança o mais cedo possível para melhoria de suas habilidades auditivas e contribuir com seu desenvolvimento afetivo e cognitivo, e, portanto, com qualidade de vida mais e mais promissora.

Evidencia-se que as crianças em atendimento demonstram boa aceitação e adaptação ao AASI, com gradação na interação e nas habilidades sociais, apresentando maior disponibilidade para realizar atividades que necessitam de atenção e concentração, contribuindo para o desempenho escolar, conforme relato dos pais e avaliação / observação dos psicólogos.

Durante a pandemia, os procedimentos foram adaptados com medidas de segurança para evitar riscos de contágio da Covid-19 e os profissionais tiveram que usar maior nível empatia e estratégias inovadoras para se comunicar com as pessoas com perda auditiva devido ao uso de máscaras, pois muitos usam a observação das expressões faciais com leitura labial para contribuir com a compreensão do que é comunicado durante a interação com outra pessoa.

Considerações finais

O descrito ao longo do capítulo pretende apresentar o trabalho realizado com as pessoas com perda auditiva mediante atenção humanizada e competência, pondo em relevo o trabalho em equipe multidisciplinar na esfera do CEIR e a relevância do psicólogo nessa equipe no cuidado com essas pessoas a fim de assegurar seu desenvolvimento e sua qualidade de vida. Inexiste qualquer pretensão de enaltecer o CEIR no Estado do Piauí e noutras Unidades Federativas vizinhas, mas, sim, o reconhecimento de sua atuação, no campo da psicologia na reabilitação / habilitação auditiva em sua esfera de atuação, haja vista que vem conquistando credibilidade por seus resultados promissores. Decerto, a ansiedade de pacientes e familiares ou cuidadores está presente durante o Programa de Saúde Auditiva para quem necessita fazer uso do Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI), durante triagem da equipe multidisciplinar, como antes descrito.

Se há parcela significativa da população com deficiência auditiva que acredita nos benefícios do AASI tanto na saúde em geral, quanto nas áreas sociais, emocionais e cognitivas, há quem demonstre dificuldades em aceitar o uso do referido aparelho por desconhecimento ou por nutrirem crenças disfuncionais relacionadas a seu uso, as quais podem estar associadas à dificuldade em serem assertivos diante de pessoas desinformadas a respeito da importância do AASI. Em qualquer circunstância, porém, a psicologia tem contribuído de maneira significativa no sentido de proporcionar um espaço de escuta, reflexão e orientação aos

pacientes com perda auditiva e a seus familiares, no intuito de compreender cada sujeito em sua singularidade.

Eis o momento de o profissional psicólogo entrar em ação desde a seleção dos pacientes até o acompanhamento contínuo dos pacientes, conduzindo-os a uma percepção não somente mais adequada e positiva, mas devidamente esclarecedora. De fato, em se tratando, mormente, dos grupos infantis, mediante avaliação dos psicólogos via observação do comportamento aliada a relatos mais completos dos pais, infere-se que a maioria das crianças em atendimento demonstra boa aceitação e adaptação do AASI, com uma série de fatores positivos. Ênfase, por exemplo, para melhor interação familiar e social, desenvolvimento de habilidades sociais e disponibilidade para execução de ações que exigem atenção e concentração, o que repercute de forma positiva na vida escolar.

Referências bibliográficas

BALEN, Sheila Andreoli *et al.* **Saúde auditiva**: da teoria à prática. São Paulo: Santos, 2010.

BICAS, Rafaela da Silva; GUIJO, Laura Mochiatti; DELGADO-PINHEIRO, Eliane Maria Carrit. Habilidades auditivas e de comunicação oral de crianças e adolescentes deficientes auditivos e o processo de reabilitação fonoaudiológica. **Revista CEFAC**, v. 19, p. 465-474, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v19n4/pt_1982-0216-rcefac-19-04-00465.pdf. Acesso em: 6 fev. 2020.

COMISSÕES DE AUDIOLOGIA DO SISTEMA DE CONSELHOS DE FONOAUDIOLOGIA. SOCIEDADE BRASILEIRA DE FONOAUDIOLOGIA. ACADEMIA BRASILEIRA DE AUDIOLOGIA (ABA). **Guia de orientação na avaliação audiológica**. 2020. Disponível em: <https://www.fonoaudiologia.org.br/comunicacao/guia-de-orientacao-na-avaliacao-audiologica/#>. Acesso em: 2 jan. 2022.

CUNHA, Jurema Alcides (Col.). **Psicodiagnóstico 5**. São Paulo: Artmed, 2007.

FONSÊCA, Rodrigo Oliveira da; DUTRA, Monique Ramos Paschoal; FERREIRA, Maria Ângela Fernandes. Satisfação de usuários com aparelhos de amplificação sonora individual concedidos pelo Sistema Único de Saúde: revisão integrativa. **Audiology-Communication Research**, São Carlos – SP, v. 25, e2296, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/acr/v25/2317-6431-acr-25-e2296.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

LLOYD, L. L.; KAPLAN, H. **Audiometric interpretation: a manual of basic audiometry**. Baltimore: University Park, 1978.

MADALENO, Iracema Maceira Pires *et al.* **Psicologia na reabilitação infantil**

e adultos. *In*: FERNANDES, Antonio *et al.* **AACD medicina e reabilitação**: princípios e prática. São Paulo: Artes Médicas. 2007. p. 833-852.

MIGUEL, Juliana Habiro de Souza; NOVAES, Beatriz Cavalcanti de Albuquerque Caiuby. Reabilitação auditiva na criança: adesão ao tratamento e ao uso do aparelho de amplificação sonora individual. **Audiology Communication Research**, São Carlos – SP, v. 18, n. 3, p. 171-178, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/acr/v18n3/a06v18n3.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Conti Vaz. **O impacto da deficiência auditiva sobre a família**. Orientadora: Valécia Ferreira Gomes. 2011. 49 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) – Departamento de Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2341/1/2011_MariadoCarmoContiVazdeOliveira.pdf. Acesso em: 30 abr. 2021.

PICININI, Taís de Azevedo *et al.* Restrição de participação social e satisfação com o uso de aparelho de amplificação sonora individual: um estudo pós adaptação. **Audiology Communication Research**, São Carlos – SP, v. 22, e1830, p. 1-8, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/acr/v22/2317-6431-acr-2317-6431-2016-1830.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2020.

RAMOS, Alice; CASALIS, Maria. Aspecto multidisciplinar do atendimento e sequência do atendimento. *In*: FERNANDES, Antonio *et al.* **AACD medicina e reabilitação**: princípios e prática. São Paulo: Artes Médicas. 2007. p. 4-12.

SALES, Cristiane Bueno; RESENDE, Luciana Macedo de; AMARAL, Carlos Faria Santos. Reabilitação auditiva em adultos: resultados de um programa de treinamento. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 21, n. 5, e10318, p. 1-12, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v21n5/pt_1982-0216-rcefac-21-05-e10318.pdf. Acesso em: 30 abr. 2021.

SCHLINDWEIN-ZANINI, R. Programa de reabilitação neuropsicológica do Núcleo de Neuropsicologia do Hospital Universitário / Universidade Federal de Santa Catarina: aspectos teóricos. *In*: CONGRESSO SUL BRASILEIRO DE COGNIÇÃO, 2015, Florianópolis – SC. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2015.

SOBREIRA, Ana Carolina. Desenvolvimento de fala e linguagem na deficiência auditiva: relato de dois casos. **Revista CEFAC**, São Paulo, v.17 n.1, jan. /fev. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462015000100308. Acesso em: 17 mar. 2021.